



## **A Morte como Representação Simbólica da Infância Roubada: Recepção do Conto “O Rio das Quatro das Luzes” de Mia Couto, em Sala de Aula**

*Raneide Barbosa Sabino<sup>1</sup>; Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega<sup>2</sup>*

**Resumo:** A dicotomia vida e morte não abarca um simples acontecimento biológico, mas aponta para descoberta da finitude humana, dentro de uma perspectiva existencialista que envolve temporalidade e identidade. Neste sentido, esse trabalho analisa o conto “O rio das quatro luzes”, de Mia Couto, e descreve a recepção do conto por alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio. Como resultado, constatou-se que os aspectos e simbolismos ligados à temática da morte e sua eufemização através do ato do menino protagonista desejar morrer, ao tempo em que soou como estranhamento para os alunos, ao final da experiência contribuiu para desfazer equívocos da percepção dos discentes acerca da cultura africana, notadamente a de Moçambique, ampliando-lhes, portanto, a compreensão intercultural.

**Palavras-chave:** Leitura literária; Mia Couto; Recepção; Morte.

## **The Death as a Symbolic Representation of Stolen Childhood: Reception of the Story “The River of the Four of Lights” by Mia Couto, in the Classroom**

**Abstract:** The dichotomy life and death does not include a simple biological event, but points to the discovery of human finitude, within an existentialist perspective that involves temporality and identity. In this sense, this work analyzes the short story “O rio das Quatro luz”, by Mia Couto, and describes the reception of the short story by students from a class of 3rd year of high school. As a result, it was found that the aspects and symbolisms linked to the theme of death and its euphemization through the act of the protagonist boy wishing to die, at the time when it sounded like a strangeness to the students, at the end of the experience contributed to undo mistakes in the perception of the students. students about African culture, notably that of Mozambique, thus expanding their intercultural understanding.

**Keywords:** Literary reading; Mia Couto; Reception; Death.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Na área de Estudos Literários, pela linha de pesquisa Ensino de literatura e formação de leitores, Campina Grande, Brasil. E-mail: raneideb@hotmail.com; martanobregaufcg@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora, pertencente ao quadro docente permanente do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Campina Grande, Brasil, E-mail: martanobregaufcg@gmail.com.

## Introdução

O trabalho com a literatura africana em sala de aula pressupõe uma leitura que valorize o enfrentamento do leitor com o texto, de modo que as preocupações com os (pré)conceitos ou uma visão reduzida a questões de raça ou etnia não interfiram na (re)aproximação dos estudantes para com a multiplicidade cultural africana. A autonomia da obra literária não permite que o leitor a veja de modo uniforme, como reflexo da realidade - ainda que construída em tensão com o real-, mas traça suas diferenças em relação ao discurso e as práticas ideológicas hegemônicas. Pensando nessa especificidade, elegemos estudar a temática da morte em sala de aula a partir da contista de Mia Couto, de modo a oportunizar ao aluno uma percepção do diferente a partir do já conhecido.

O tratamento da morte na literatura de Mia Couto, além de retomar as crenças e os rituais das comunidades africanas, também, remete ao contexto social africano, permitindo uma reflexão em torno do destino dos vivos em função da vontade dos antepassados. Nesse aspecto, pode-se inferir que, de um modo geral, a escrita coutiana problematiza a construção da identidade moçambicana, notadamente o exame do passado do sujeito moçambicano, massacrado pelo colonialismo, e o seu impulso em autoafirmar-se num contexto social alterado em que a tradição, necessariamente, participa do mesmo espaço da e na modernidade, permitindo de tal modo partilhar de experiências entre vivos, mortos e espíritos

Esse trabalho, que é resultante de parte de nossa intervenção didática realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG<sup>3</sup>, tem como objetivo descrever e refletir sobre o modo como os alunos receberam o conto “Rio de quatro luzes”, de Mia Couto. Para realizarmos a experiência, partimos, preliminarmente, das seguintes indagações: De que maneira as reflexões representativas da morte contribuem para o processo de desenvolvimento e formação do indivíduo? A temática da morte representada a partir das obras de Mia Couto pode ser um caminho para a formação de leitores? Partindo de uma metodologia recepcional, é possível suscitar o interesse dos alunos para o trabalho com a literatura africana de língua portuguesa na sala de aula?

A pesquisa é de natureza qualitativa e encontra-se inserida no âmbito da pesquisa-ação, uma vez que realizamos uma experiência interventiva em sala de aula. Tomamos como base inicial para a elaboração dos planos de aulas o Método Recepcional, elaborado por Bordini e

---

<sup>3</sup> Para a intervenção pedagógica, elaboramos uma antologia contendo poemas produzidos por autores moçambicanos, além de três contos de Mia Couto: O Rio das Quatro Luzes, O fazedor de luzes e O cego Estrelinho.

Aguiar (1993). Vale salientar que não seguimos todas as etapas como o método é sugerido pelas referidas autoras. O estudo tem ainda um carácter etnográfico, por se tratar de uma pesquisa de campo voltada para a descrição das representações simbólicas dos alunos acerca da morte no que diz respeito as narrativas africanas de língua portuguesa temática.

A intervenção<sup>4</sup> foi realizada em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola estadual localizada no município de Remígio –PB. Os instrumentos para a coleta de dados da pesquisa foram três: 02 questionários (sendo um para os professores e outro para os alunos), diário de campo do pesquisador; aulas gravadas por meio de Smartphone.

### **Considerações em torno da morte**

A morte se faz presente como um dos fenômenos mais importante para a formação da tradição cultural de uma sociedade e ainda um dos acontecimentos que mais tem instigado e inquietado o imaginário dos seres humanos como um todo, uma vez que aceitá-la e até mesmo encará-la tem se tornado cada vez mais difícil. A morte, de um modo geral, é a designação de todo fenômeno em que se produz uma desagregação da vida e das coisas e encontra-se associada à existência. A concepção da morte sob um ponto de vista existencialista, exige, preliminarmente, uma reflexão em torno do que entendemos por existência, compreendida como uma condição humana que congrega experiências de vida capazes de definir o ser e sua atuação no mundo. Heidegger (2012) estabelecendo uma comparação ontológica entre o ser do homem (*dasein*) e o dos animais e dos objetos, defende que só o homem tem existência, devido a sua capacidade de ocupação, disposição, compreensão e discursiva.

Freiras (2005, cf. SIMAN, 2017) inspirado no pensamento sartreano, defende que a existência humana está relacionada à sua essência, de modo que, através dessa última, o ser é livre para criar a si próprio e criar o mundo. Nessa perspectiva, “o homem existe, descobre-se e desponta no mundo e, somente depois, define-se” (SIMAN, 2017, p.5). A autora defende que “a essência de uma determinada pessoa só poderá ser conhecida no dia de sua morte.” (SIMAN, 2017, p.5).

Marilena Chauí considera que a dicotomia existência/vida e morte não é, para nós humanos, um simples acontecimento biológico, ao contrário, ambas são “acontecimentos simbólicos, são significações, possuem sentido e fazem sentidos” (CHAUI, 1996). Conforme a

---

<sup>4</sup> A pesquisa interventiva foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFCG por meio do Parecer de número: 10295219.9.0000.5182

autora, viver e morrer são a descoberta da finitude humana, de nossa temporalidade e identidade. Esta, e somente ela, completa o que somos, dizendo o que fomos. Por essa razão, os filósofos estoicos afirmavam que só após a morte era possível identificar se alguém havia tido uma vida feliz ou não.

Siman (2017) discorda de algumas orientações tradicionalistas que defendem uma vivência pautada na tranquilidade e na felicidade. Seguindo a esteira de Angerami-Camon, (1985), a autora considera ser impossível separar sofrimentos e realizações humanas, visto que “agruras existenciais angústia, solidão, tédio, etc.- fazem parte de modo inerente e indissolúvel da existência humana” (ANGERAMI-CAMON, 1985, p.11, cf. SIMAN, 2017, p. 6).

Neste sentido, as reflexões acerca da morte são essenciais para os existencialistas, posto que, ao se preocuparem com as questões da vida, necessariamente voltam-se para a finitude desta: a morte. Embora, o tema desperte compreensões culturais diversificadas, no entendimento de Chauí (p.366), “morrer é um ato solitário. Morre-se só: a essência da morte é a solidão. O morto parte sozinho, os vivos ficam sozinhos ao perdê-lo. Resta saudade e recordação.”

De certo modo, a morte sempre inspirou o homem em várias áreas sociais e profissionais como (poetas, músicos e artistas). Na história, há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, igualmente, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio.

Ao longo dos séculos, a compreensão humana para a morte passou por várias transformações. Philippe Ariès (2012) pontua esse entendimento tendo como parâmetro espaço-temporal, três grandes momentos da história: a Era Medieval, o Renascimento e a Idade Moderna. Segundo Ariès (2012) o medo da morte de parentes foi a primeira forma reconhecida e aceitável para enfrentar esse fenômeno. Para o autor, as causas possíveis são a representação que ela teve no contexto histórico-social (a morte domada; a morte de si; a morte do outro e a morte interdita) e pela representação do morto, materializada no cadáver.

Na morte domada, típica da época medieval, o cavaleiro recebia, antecipadamente, a notícia de sua morte. No Cristianismo primitivo, a morte era representada de braços estendidos figurando uma atitude de oração. O moribundo a esperava deitado em sua cama e a ao seu redor ficavam familiares e amigos, inclusive as crianças. Não receber as homenagens antes do falecimento era o maior medo. Na Alta Idade Média era concebida como um evento benevolente em que o moribundo, sabendo da aproximação de sua morte, fazia uma espécie de

reconciliação com Deus, pedindo perdão por todos os seus pecados, a fim de obter a paz e o caminho do paraíso.

Já na Baixa Idade Média (do século XII até o século XV), devido a atuação da Igreja junto ao Estado e do surgimento de muitas doenças e guerras, novas interpretações para a morte foram apresentadas. A influência eclesiástica passou a difundir a crença nas condições de acesso da alma a um lugar de descanso e construiu um novo tempo para julgamento final, que deixou de ser no leito do moribundo para após a morte deste. Para Ariès é o período da “morte de si”, vista como incompaciente, notadamente marcada pela ideia do julgamento da alma e a consequente incerteza do destino pós funeral (inferno ou paraíso).

Em “A morte do outro”, a partir do século XVIII, há uma necessidade de exaltação da morte, passando a ser desejada, pois é considerada sublime. Por fim, o século XX vem para marcar uma nova onda de pensamento em relação à morte; deixou de ser cotidiana, familiar, chorada publicamente para ser institucionalizada, sobretudo, em hospitais, recebendo, de acordo com Ariès, a concepção de “morte interdita”. Não se deve mais falar sobre ela porque o assunto causa angústia e medo. Evidencia-se, assim, uma cultura de negação da morte e, neste sentido, se ela está associada a existência, o ser torna-se reduzido ao nada. Isso leva o sujeito a rejeitar a ideia da sua própria morte, buscando refúgio na eternidade da alma e em outros mitos religiosos.

Em Moçambique, a morte, não é um acontecimento triste e pavoroso, nem significa, fatalmente, o fim da vida; ela é a continuidade e o prolongamento desta para uma instância em outra dimensão. Suana (1999, In: FERREIRA: 2007, p. 17) destaca que ela é uma “ruptura do ciclo vital, mas como uma continuação da existência sob outras formas e noutras circunstâncias”. Ainda conforme o autor, a morte pode ser concebida sob a vertente de que ela está ligada, primeiramente, ao relacionamento entre o mundo invisível e o visível, o que favorece uma correspondência entre os antepassados mortos e os vivos.

Durante o ritual fúnebre e no período de luto, as famílias se encontravam para partilhar não só as tristezas, mas, sobretudo, as alegrias. Uma característica importante dessa cultura é o fato de que além de ser um momento de festejo e comemoração, é, também, um momento em que os vivos e os mortos reativam o seu relacionamento. Sendo, portanto, a morte uma fonte de inspiração e uma lição de vida, perspectiva sugerida por Mia Couto em “O rio das quatro luzes”.

## A morte como celebração da vida em “O Rio das Quatro Luzes”

No conto “O Rio das quatro luzes”, do livro *O fio das missangas* (2009), o protagonista, denominado de “o menino”, é um miúdo solitário e triste que foi desprovido de viver a infância e, sentiu o desejo de morrer ao observar um cortejo fúnebre que passava em sua porta “– Mãe: eu também quero ir em uma caixa daquelas” (COUTO, 2009, p. 111).

Para a criança, a morte não só significava benevolência, mas era uma possibilidade de legitimar sua existência ou ainda uma espécie de proteção, que tivesse o mínimo de consideração possível ao que para ele era importante: ser notado. É interessante destacar que a criança não ansiava tão somente a morte, mas admirava aquelas pessoas que estavam chorando pelo falecido: “Ainda olhou o desfile com inveja. Ter alguém assim que chore por nós, quanto vale uma tristeza dessas?” (COUTO, 2009, p.111).

Percebe-se que, no desejo do infante, há indícios da importância do cortejo fúnebre e do falecimento dentro da tradição cultural africana, uma vez que, em conformidade com Soares (2007, p, 356): “Mortos, os indivíduos ganham importância, poder, influência e sabedoria para guiarem e ensinarem os que continuam no mundo dos vivos. São, assim, capazes de proporcionar o bem estar, a unidade e a paz da comunidade.”

No decorrer da narrativa, compreendemos que o desejo de morte, por parte do miúdo, é causado, principalmente, pela ausência de diálogos e afetos entre o menino e seus pais, talvez porque ele sentia a falta de alguém que lhe olhasse nos olhos, que lhe desse atenção ou que apenas brincasse com ele e o deixasse gozar do seu tempo de infância.

Em uma das poucas conversas entre pai e filho, tem-se a sugestão que o menino estava num estágio avançado de enclausuramento dos afetos, dos sentidos, do gosto por querer viver:

– Eu não quero mais ser criança.

– Como assim?

– Quero envelhecer rápido, pai. Ficar mais velho que o senhor.

Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta medida. (COUTO, 2009, p. 112, grifo nosso)

O pai gostava de viver, mas em vão, tentava motivar o filho a experiência semelhante: “– Meu filho, você tem que gostar de viver, Deus nos deu esse milagre. Faça de conta que é uma prenda, a vida” (COUTO, 2009, p.112). É no momento de reflexões sobre a dificuldade que a criança passava ao ter a perda do direito de viver a infância e os seus sonhos, que surge outro personagem muito importante para a narrativa, o avô. O menino tinha um grande apreço

pelo ancião e seria capaz de ouvi-lo com paciência; afinal, ele demonstrava mais afetividade que os demais membros da família.

O desejo do menino era permanente e corriqueiro; o anseio pela morte não nascia apenas ao observar o corpo do morto sendo velado, mas da necessidade que o miúdo tinha em partir para uma vida melhor, conforme é ressaltado pela cultura africana, uma vez que morrer com idade avançada e ter um funeral digno (com festividade e celebração) são expressões de uma boa morte.

Avô, o que é preciso para se ser morto?

- *Necessita ficar nu como um búzio.*
- Mas eu tanta vez estou nuzinho.
- *Tem que ser leve como a lua.*
- Mas eu já sou levinho como a ave penugenta.
- *Precisa mais: precisa ficar escuro na escuridão.*
- Mas eu sou tinto e retinto. Pretinho como sou, até de noite me indistinto do pirilampo avariado. (COUTO, 2009, p. 112, grifos nosso).

A engenhosidade do avô para com o menino é um dos fatos que valem ser destacados nesta análise, visto que o personagem consegue romper com as nossas expectativas ao dar soluções excepcionais para todas as perguntas que a criança fazia. Dessa forma, o ancião, muito sábio, propõe um acordo à criança (que concorda sem pensar duas vezes): “Então o avô lhe propôs o negócio. As leis do tempo fariam prever que ele fosse retirado primeiro da vida. Pois ele falaria com Deus e requereria mui respeitosa e que se procedesse a uma troca: o miúdo falecesse no lugar do avô” (COUTO, 2009, p. 112-113).

Torres (2002) reconhece que a morte não é apenas um desafio cognitivo para o pensamento infantil, mas também um desafio afetivo. Tal fato, no conto em análise, tal desafio é perceptível na satisfação de felicidade do miúdo com a proposta de troca que todos os dias fazia questão de ir visitar o avô: “Desejava saber se o velho não estaria atacado de doença, falho no respirar, coração gaguejado. Mas o avô continuava direito e são” (COUTO, 2009, p. 113). O menino apresentava-se cada dia mais ansioso, pois não estava preocupado em se deparar com o velhinho debilitado, mas sim, de encontrá-lo em estado imóvel, para assim poder realizar a troca das mortes, razão pela qual sempre questionava: “– Tem rezado a Deus, avô? Tem-lhe pedido consoante o combinado?” (COUTO, 2009, p. 113). O menino tinha pressa, de fato, em aproximar a sua morte, mas o seu avô, sempre brincalhão, confirmava a solicitação: “Que sim, tinha endereçado os ajustados requerimentos. A troca das mortes, o negócio dos finais. Esperava deferimento, ensinado pela paciência” (COUTO, 2009, p. 113).



Diferente da atitude do pai e da mãe (que repreendiam o menino sempre que ele fazia referência à morte), o avô agia com sabedoria, assumindo a posição de guardião da tradição cultural no contexto moçambicano. Para interagir com a criança, o ancião conduzia o neto, sem que ele percebesse, pelo caminho da vida, da infância e da reflexão: “E lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância” (COUTO, 2009, p. 113).

Dessa maneira, conseguimos compreender que o menino começou a apreciar a infância na medida em que brincava com o avô. Era na companhia do ancião que “[...] o moço se criançaava, convertido em menino” (COUTO, 2009, p. 113). O avô, ao possibilitar o menino vivenciar a infância, ensina que a morte (assunto de desejo do neto) convive entre dois mundos: o dos vivos e o dos mortos, razão pela qual, possivelmente, o ancião sugere a troca das mortes.

O idoso, também, orientava os pais do menino a serem mais compassivos e compreensivos, pois para ele: “[...] criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecerem ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo” (COUTO, 2009, p. 113-114). A partir desse delineamento, percebemos que o avô estava preocupado com a criação que o seu filho e nora estavam dando ao menino, afinal, o maior ensinamento que um pai poderia passar para um filho era o milagre da vida, tendo como referencial os elementos da cultura em que se vive. Cumprida a sua missão de ensinar, a morte se aproxima serenamente do avô, deixando os pais da criança completamente aflitos: “Se ergueu e, na soleira, rodou como se tivesse sido assaltado por pedaço de lembrança. Acorreram em aflição. O que se passava? O avô serenou: era apenas cansaço” (COUTO, 2009, p. 114).

O ancião compreendia que o momento de sua partida estava se aproximando, pois, o seu cansaço era apenas o chamado de Deus, ainda que o casal não quisesse se afastar, eles tinham que deixá-lo ir: “Estou a ser chamado. Quem sabe, meus filhos, se esta é nossa última vez? O casal recusou despedir-se. Acompanharam o avô a casa e sentaram-no na cadeira da varanda. Era ali que ele queria repousar. Olhando o rio, lá embaixo” (COUTO, 2009, p. 114). É nesse instante, portanto, que a celebração da morte acontece - o velhinho não só entendia, como aceitava o momento de seu regresso, conforme podemos verificar no fragmento abaixo:

– Viram? *O rio já se virou.*

E sorriu. Estivesse confirmado o improvável vaticínio. O velho cedeu as pálpebras. Seu sono ficou sem peso. Antes, ainda murmurou no ouvido do seu filho:

– Diga a meu neto que eu menti. Nunca fiz pedido nenhum a nenhum Deus.



Não houve precisão de mensagem. Longe, na residência do casal, *o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo*. E os seus olhos e intemporaram em duas pedrinhas. No leito do rio se afundaram quatro luzências. (COUTO, 2009, p. 114, grifo nosso)

Para Gambini (2005), a morte pode ter duas faces: a voz serena da sabedoria ou o visgo do encosto obstrutor que nos empurra para a beira do abismo, travando tanto a caminhada como a própria vida. No conto, prevalece a primeira concepção. O menino que antes era travado, por não compreender o sentido da vida, passou a valorizá-la a partir da sabedoria que foi transferida pelos ensinamentos do avô. Vale ressaltar que o menino, ao tornar-se criança, amadurece rápido demais e o avô em plena velhice, com emoção, retorna a infância. Mas, juntos (avô e neto), se fundem, transformando-se em luzes no leito do rio das quatro luzes.

### **Abordagem da morte no conto “o rio de quatro de luzes”: leitura e discussão**

Nosso planejamento para desenvolver a proposta de intervenção pedagógica teve como objetivo uma metodologia que pudesse favorecer o diálogo entre o texto e o leitor, “que interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas” (COLOMER, 2003, p.96).

### **Metodologia**

A metodologia adotada nesta pesquisa é de cunho qualitativo, que primou por favorecer o diálogo entre texto e leitor. O foco não esteve, necessariamente, na quantidade de respostas, mas no processo de compreensão do público-alvo acerca da temática da morte no conto lido em sala de aula.

O estudo tem ainda um caráter etnográfico, inserida no âmbito da pesquisa-ação, uma vez que as pesquisadoras tiveram a oportunidade de refletir sobre a sua prática pedagógica, atentando, também, para o contexto social, cultural e histórico do educando de modo a possibilitar sua interação com o contexto cultural de outro, materializado no texto literário.

Para alcançar essa meta tomamos como base para a elaboração dos planos de aulas o Método Recepional, elaborado por Bordini e Aguiar (1993), o qual consiste em refletir sobre o fenômeno literário a partir da óptica do leitor, solicitando assim a atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos.

Bordini e Aguiar, ancoradas na teoria da Estética da Recepção<sup>5</sup> de Jauss, propõe uma metodologia de leitura do texto literário tendo por base a interação entre leitor e obra, possibilitando ao primeiro tornar-se um coautor da obra, tendo em vista a construção de significados dados ao texto. Enquanto propositura metodológica, as autoras se apropriam dos conceitos de “horizonte de expectativas” e “distância estética” e sugerem cinco passos para um ensino de literatura favorável o ponto de vista do aluno leitor: determinação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação do horizonte de expectativas.

Para que ocorra aprendizado, é imprescindível uma distância estética gradual entre a obra e o horizonte de expectativas do leitor posto que “se a obra corrobora o sistema de valores do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.84). Ademais, a ausência desse tipo de distanciamento pode provocar um afastamento completo entre leitor e obra, impedindo a recepção.

De uma maneira sucinta, o método recepcional destaca perspectivas de leituras díspares, privilegiando uma relação entre o já conhecido e o novo, o tempo presente e o tempo passado do leitor frente ao texto. Para se alcançar esse movimento, o proponente e/ou leitor deve atentar para, pelo menos, quatro objetivos:

- 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas;
  - 2) Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem;
  - 3) Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
  - 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.
- O método recepcional de ensino de literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 86)

No entanto, é válido ressaltar que não seguimos o método à risca, da forma como é dito e elaborado pelas autoras. Conduzimos as etapas da sequência modificando-as de acordo com a progressão de cada aula, e conforme o desenvolvimento da turma. De modo que houvesse maior interação e participação dos alunos, a fim de nos aproximarmos gradativamente dos educandos.

---

<sup>5</sup> [Estética da Recepção]: Foi fundada por Hans Robert Jauss em 1966 na Universidade de Constança, é um método de investigação literária que manteve um profícuo diálogo com a hermenêutica, a fenomenologia e o estruturalismo theco. A estética se concentrava no papel de apresentação da arte e a história da arte se compreendia como história das obras e de seus autores.

## Resultados

A fase denominada por Bordini e Aguiar de “Determinar o horizonte de expectativas dos alunos”, foi elaborado por um questionário com vistas a mapear as preferências de leituras dos alunos e o conhecimento acerca do horizonte de expectativa sobre a literatura africana de língua portuguesa. A pergunta em torno do conhecimento acerca da literatura africana de língua portuguesa, dos quarenta e cinco alunos que responderam, apenas dois afirmaram já ter ouvido falar sobre, mas, nunca buscaram aprofundar os seus conhecimentos a respeito. Ao serem questionados sobre possíveis leituras de textos africanos de língua portuguesa e o gosto do aluno acerca da leitura realizada, a turma foi unânime em demonstrar total desconhecimento a respeito desse tipo de texto.

Na segunda etapa, “Atendimento do Horizonte de Expectativas”, lemos e discutimos o poema “O bairro da minha infância”, de Mia Couto, com vistas a aproximar o aluno do autor, bem como da temática a ser trabalhada. Boa parte dos alunos levantou a hipótese que o autor, desde o princípio do poema, utiliza a infância como uma amalgama do ciclo vital em que vida e morte tornam-se parceiras.

Na terceira etapa, “Rompimento do Horizonte de Expectativas”, realizamos a leitura e discussão do conto “O rio das quatro luzes”, a partir de uma Sequência Didática, previamente elaborada, em que priorizamos a necessidade de transpor a crença preexistente dos alunos acerca da morte e do morrer. Nessa etapa, os sujeitos da pesquisa ficaram espantados com o modo da criança encarar a morte (esperavam que a criança desejasse viver a infância em sua plenitude) e a falta de diálogos entre os pais e o infante, no sentido de motivá-lo a mudar de perspectiva.

Na quarta etapa, “Questionamento do Horizonte de Expectativas”, propusemos uma apreciação comparativa acerca das diferentes formas como as personagens (pai, avô e menino) percebem a morte. O destaque ficou a carga da sabedoria do avô em propiciar uma experiência subjetiva ao neto, que por meio da fantasia, conseguiu perceber a morte como algo sublime e indolor para quem permanece vivo.

A quinta e última etapa “Ampliação do Horizonte de Expectativas” foi vivenciada através de sugestão de leitura de outros textos de Mia Couto e de escritores moçambicanos, que tenham a mesma temática do conto em questão. Foram lidos os contos “O cego Estrelinho”, “O fazedor de Luzes” e o poema “O bairro da minha infância”.

## Considerações finais

O resultado da experiência de leitura relatado, ainda que pareça breve, merece dois destaques: um trabalho de intervenção que parte da interação entre texto literário e aluno leitor só é possível quando se oferece condições favoráveis para a realização de uma leitura que priorize os efeitos estéticos através de atividades motivadoras; a possibilidade de testarmos uma sequência didática que requisitou uma temática de concepção universal (a morte), mas que se particularizou ao ter como objeto de estudo um contexto específico – aspectos da cultura moçambicana-, contribuiu para os alunos ampliarem a concepção sobre interculturalidade.

Considerando o processo da intervenção como um todo, cabe ressaltar a importância do método recepcional, por considerar o aluno um sujeito social e atuante em seu tempo e espaço, envolto num processo dinâmico, gradativo e contínuo. Um dos reflexos dessa dinamicidade pode ser visto nas três, das cinco etapas do método aqui relatadas: determinação, atendimento e ruptura dos horizontes de expectativa dos alunos.

As inquietações dos alunos frente ao texto, os debates realizados primaram, sempre, pela dinamicidade de construir o perfil de um leitor concreto com características psicológicas, sociais e culturais específicas e mutáveis. Desse modo compreendemos que o processo de mediação de leitura pressupõe uma necessidade de auxiliar o educando a revelar o desejo de ler.

No que diz respeito ao tratamento de uma sequência didática construída a partir da temática da morte, viu-se que o enfoque dado pelos alunos a essa temática voltou-se para sua natureza mágica que congrega o fim da existência visível a apenas uma das partes do ser – o corpo. No entanto, o perecimento da matéria corporal não tem como consequência um desequilíbrio social, ao contrário, permite uma agregação entre vivos e mortos. No conto, a proposta do avô para a troca de lugares com o neto em síntese, sugere um ponto de vista cultural moçambicano e, portanto, identitário – emblema do princípio vital da imortalidade.

Considerando o duplo destaque contido nessas palavras finais, evidencia-se que a intervenção pedagógica também contribuiu para inserir, no contexto da escola pesquisada, uma metodologia voltada para uma das habilidades de leituras norteadas pela Base Nacional Curricular Comum - BNCC, qual seja, a abordagem de obras da literatura africana de língua portuguesa de modo a considerar o contexto cultural de produção como possibilidade de aproximação do contexto do aluno brasileiro.

## Referências

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

BORNIDI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia** / Marilena Chauí. 5ª ed. São Paul: Editora Ática, 2010.

COUTO, M. **O fio das missangas** / Mia Couto – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Ana Maria Teixeira Soares. **Traduzindo mundos: os mortos na narrativa de Mia Couto**. 2007. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/2869/1/2007001353.pdf>

GAMBINI, R. A morte como companheira. In: OLIVEIRA, M. F. e CALLIA, M. H. P. (orgs.). **Reflexão sobre a morte no Brasil**. São Paulo, Paulus, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2015.

SIMAN, Adriana e RAUCH, Carina Siemieniaco. A finitude humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. In: **Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. Sem. 2017. Disponível em: [Disponível em: https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index](https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index). Acesso em 22 de junho de 2020.

TORRES, W. **O conceito de morte na criança**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2002.

### Como citar este artigo (Formato ABNT):

SABINO, Raneide Barbosa; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. Morte como Representação Simbólica da Infância Roubada: Recepção do Conto “O Rio das Quatro das Luzes” de Mia Couto, em Sala de Aula. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2021, vol.15, n.54, p. 713-725. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/01/2021;

Aceito: 11/02/2021